

## **Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: o uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressão própria<sup>1,2</sup>**

### ***Aprovechando oportunidades arriesgadas en la creación de contenido joven: El uso por adolescentes de webs de redes sociales para la intimidad, la privacidad y la expresión propia***

#### *Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression*

Sonia Livingstone<sup>3</sup>

**Resumo** *A explosão de sites de rede social, tais como MySpace, Facebook, Bebo e Friendster, é em grande parte vista como uma oportunidade emocionante, principalmente para a juventude. No entanto, a resposta do público tende a ser uma intrigante estupefação pelo que parece ser uma geração com muitos amigos, mas pouco senso de privacidade e com um fascínio narcisista com a exposição do self (self-display). Este estudo explora as práticas de redes sociais (networking) dos adolescentes, propondo desvelar as conexões sutis entre oportunidade e risco on-line. Enquanto os adolescentes mais jovens se deleitam com as oportunidades de recriar continuamente uma identidade altamente decorativa e estilisticamente elaborada, os adolescentes mais velhos optam por uma estética mais simples que ressalte suas ligações com os outros, expressando assim uma noção de identidade vivenciada*

<sup>1</sup> Este artigo, inédito em língua portuguesa, foi publicado originalmente, em inglês, na obra *New Media & Society*, v. 10, n. 3, p. 393-411, jun. 2008. Disponível também em Sage Journal Online (Sage Publications Ltd. – All rights reserved): <http://nms.sagepub.com/content/10/3/393.abstract>

<sup>2</sup> Agradeço ao Conselho de Pesquisa da Noruega por financiar o *Mediatized Stories: Mediation Perspectives On Digital Storytelling Among Youth* do qual este estudo faz parte. Também agradeço a David Brake, Sherija van der Graaf, Angela Jones, Ellen Helsper, Maria Kyriakidou, Annie Mullins, Toshie Takahashi e dois revisores anônimos por seus comentários sobre uma versão anterior deste artigo. Finalmente, meus agradecimentos aos jovens que participaram deste projeto.

<sup>3</sup> Sonia Livingstone é Professora de Psicologia Social no Departamento de Mídia e Comunicações na Escola de Economia e Ciência Política de Londres. Sonia Livingstone é autora ou editora de dez livros e mais de 100 artigos acadêmicos e capítulos nas áreas de audiências de mídia, as crianças e a Internet, contextos domésticos do uso de mídia e literacia midiática. Dentre seus livros recentes, destacam-se *Young People and New Media* (SAGE, 2002), *The Handbook of New Media* (editado, com LIEVROUW; SAGE, 2006) e *Public Connection? Media Consumption and the Presumption of Attention* (com COULDRY; MARKHAM; PALGRAVE, 2007). Atualmente, ela dirige a rede de pesquisa temática, EU Kids Online, para o programa EC's Safer Internet Plus. Email [s.livingstone@lse.ac.uk](mailto:s.livingstone@lse.ac.uk)

*através de relacionamentos autênticos. Este artigo também contrasta a concepção graduada que os adolescentes têm dos seus “amigos” com a classificação binária de sites de redes sociais, sendo esta uma das várias maneiras pelas quais a privacidade on-line é modelada, e enfraquecida, pelas affordances desses sites.*

**Palavras-chave:** Sites de redes sociais. Comunicação on-line. Identidade. Adolescentes e juventude. Privacidade.

**Resumen** *La explosión de sitios de red social como MySpace, Facebook, Bebo y Friendster se ve, en gran medida, como una oportunidad apasionante, principalmente por parte de los jóvenes. Sin embargo, la respuesta del público tiende a ser de intrigado asombro hacia lo que parece ser una generación con muchos amigos, pero con poco sentido de la privacidad y una fascinación narcisista por la exposición del self (self-display). Este estudio investiga las prácticas de las redes sociales (networking) de los adolescentes, proponiendo revelar las sutiles conexiones entre oportunidades y riesgos on-line. Mientras los adolescentes más jóvenes disfrutan con la posibilidad de volver a crear continuamente una identidad altamente decorativa y estilísticamente elaborada, los más mayores optan por una estética más sencilla que resalte sus conexiones con los demás, expresando así una noción de identidad vivida a través de relaciones auténticas. Este artículo también establece el contraste entre la concepción graduada que los adolescentes tienen de sus “amigos” con la clasificación binaria de webs de redes sociales, siendo esta una de las diversas formas por las que la privacidad on-line se modela, y debilita, por las affordances de esas webs.*

**Palabras-clave:** Webs de redes sociales. Comunicación on-line. Identidad. Adolescentes y juventude. Privacidad.

**Abstract** *The explosion in social networking sites such as MySpace, Facebook, Bebo and Friendster is widely regarded as an exciting opportunity, especially for youth. Yet the public response tends to be one of puzzled dismay regarding, supposedly, a generation with many friends but little sense of privacy and a narcissistic fascination with self-display. This article explores teenagers’ practices of social networking in order to uncover the subtle connections between online opportunity and risk. While younger teenagers relish the opportunities to continuously recreate a highly decorated, stylistically elaborate identity, older teenagers favour a plain aesthetic that foregrounds their links to others, thus expressing a notion of identity lived through authentic relationships. The article further contrasts teenagers’ graded conception of “friends” with the binary classification of social networking sites, this being one of several means by which online privacy is shaped, and undermined, by the affordances of these sites.*

**Keywords:** Social networking sites. Online communication. Identity. Teenagers and youth. Privacy.

---

Data de submissão: 13/04/2012

Data de aceite: 15/06/2012

## Introdução

Os jovens sempre devotaram atenção à maneira de se apresentarem. Amizades foram sempre feitas, mostradas e rompidas. Uns desconhecidos – estranhos, esquisitos ou assustadores – ficam sempre pairando à margem do grupo. E os observadores adultos costumam se surpreender com as práticas dos jovens e seus “pares” (*peers*). Mesmo assim, a recente explosão dos sites de redes sociais on-line, tais como MySpace, Facebook, Bebo e outros, atraiu interesse considerável entre os acadêmicos, os formuladores de políticas, os pais e os próprios jovens, alegando-se repetidamente que algo de novo está acontecendo. O que, então, distingue a construção que os jovens fazem de si mesmos da que fazem de seus relacionamentos com seus “pares”, agora que isso é mediado cada vez mais pelos sites de redes sociais?

Em termos de *affordances*, os sites de redes sociais possibilitam a comunicação entre círculos cada vez maiores de contatos e atraem a convergência de atividades, até então separadas, de e-mails, mensagens, criação de websites, diários, álbuns de fotografias e *uploading* e *downloading* de músicas ou vídeos. Do ponto de vista do usuário, usar a mídia, agora mais que nunca, significa criar assim como receber, com o controle do usuário indo muito além do ato de selecionar o conteúdo pronto (*ready-made*) produzido em massa. A própria linguagem dos relacionamentos sociais está sendo reestruturada; hoje em dia, as pessoas constroem seus “perfis”, optam entre torná-lo “público” ou “privado”, elas “comentam” ou “enviam mensagens” aos seus “melhores amigos” em seus “murais” (*walls*), elas “bloqueiam” ou “adicionam” pessoas à sua rede, e daí por diante.

Parece que, para muitos, criar e fazer networking de conteúdo on-line está se tornando uma maneira integral de gerenciar sua própria identidade, seu estilo de vida e suas relações sociais. Na Grã-Bretanha, MySpace é de longe a rede social mais popular, com 6,5 milhões de visitantes únicos em maio de 2007, seguida por 4 milhões da rede Bebo e 3,2 milhões da rede Facebook.<sup>4</sup> Os valores referentes aos Estados Uni-

<sup>4</sup> NIELSEN//Netratings. Social Networking Sites Grow 47 Percent, Year over Year, Reaching 45 Percent of Web Users. 11 May. 2006. Disponível em: [http://www.nielsen-netratings.com/pr/pr\\_060511.pdf](http://www.nielsen-netratings.com/pr/pr_060511.pdf). Acesso em: 26 nov. 2007.

dos são muito mais elevados, com 38,4 milhões de visitantes únicos da MySpace em maio de 2006. Os jovens estão na vanguarda das práticas de redes sociais: 31% dos usuários da MySpace têm menos de 18 anos, como também 54% dos usuários da Bebo;<sup>5</sup> nos Estados Unidos, 6,6 milhões de usuários únicos entre 12 e 17 anos visitaram MySpace em agosto de 2006;<sup>6</sup> e na Europa, 32% dos usuários on-line entre 16 e 24 anos acessam sites de redes sociais pelo menos uma vez por mês.<sup>7</sup>

Certos relatos otimistas enfatizam novas oportunidades de autoexpressão, sociabilidade, engajamento comunitário, criatividade e novos conhecimentos. Os acadêmicos críticos argumentam que a criação de conteúdo jovem vai contra o domínio tradicional dos consumidores pelos produtores, facilitando uma inovadora cultura de “pares” (*peers*) entre os jovens, tanto na esfera local quanto na global. Os formuladores de políticas públicas esperam que as habilidades de literacia midiática, desenvolvidas através das redes sociais, sejam transferidas para assistir o aprendizado e a participação on-line, e para proteger os jovens contra os riscos on-line associados às representações transgressivas deles mesmos e contatos abusivos com os outros. Os discursos populares e da própria mídia muito frequentemente refletem uma intrigada estupefação com o fato de os jovens viverem em um mundo tão diferente do que foi o mundo da juventude (nostalgicamente lembrada) dos adultos de hoje.

Os pânico da mídia amplificaram as ansiedades que o público já tem quanto às redes sociais. A “geração MySpace”, segundo dizem, não tem nenhum senso de privacidade ou de vergonha. Uma manchete chamativa disse: “O choque de gerações encontra liberdade on-line: as crianças da era da Internet estão prontas para se despirem de corpo e alma de uma maneira que seus pais jamais seriam capazes”.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> BBC News. Social Sites Wrestle for Top Spot. 24 May. 2006. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/5012194.stm>. Acesso em: 26 nov. 2007.

<sup>6</sup> COMSCORE. More than Half of MySpace Visitors Are Now Age 35 or Older'. 5 October 2006. Disponível em: <http://www.comscore.com/press/release.asp?press=1019>. Acesso em: 06 jul. 2007.

<sup>7</sup> EIAA. Social Networking to Drive Next Wave of Internet Usage. 29 November 2006. Disponível em: <http://www.eiaa.net/news/eiaa-articles-details.asp?id106&lang=1>. Acesso em: 06 jul. 2007.

<sup>8</sup> SUNDAY Times. Generation Shock Finds Liberty Online. 25 February 2007. Disponível em: <http://www.timeonline.co.uk/tol/news/uk/article1433751.ece>. Acesso em: 30 jan. 2008.

E uma outra declarou: “As crianças de hoje. Nenhum senso de vergonha. Nenhum senso de privacidade.”<sup>9</sup> Além do mais, os participantes das redes sociais são supostamente narcisistas totais: “MySpace é sobre mim, mim, mim, e olhe para mim e olhe para mim.”<sup>10</sup> Resumindo, é comum pensar que, na melhor das hipóteses, participar de redes sociais é uma perda de tempo e causa de isolamento social, e, na pior das hipóteses, permite aos pedófilos aliciarem (*grooming*) crianças em seus quartos<sup>11</sup> ou permite que os adolescentes sejam seduzidos a participar de pactos suicidas enquanto os pais pensam que eles estão fazendo lição de casa.

### **Mediando a rede social**

Finalmente parece que os meios acadêmicos mantiveram-se a par da inovação do mercado e da prática social. Um corpo crescente de pesquisa empírica, reagindo oportunamente ao exagero, vem examinando como as pessoas criam seus perfis pessoais, fazem o networking com contatos já conhecidos e novos e participam de várias formas de comunidades on-line (BOYD, 2006; BOYD; ELLISON, 2007; HINDUJA; PATCHING, 2008; LENHART; MADDEN, 2007). Vão aparecendo certas tendências que já desafiam as simples distinções que eram feitas quando começou a pesquisa das novas mídias. Nota-se que, apesar do potencial para redes sociais globais, os contatos da maioria das pessoas são locais, com laços mais estreitos preexistentes de estudo ou trabalho (HAYTHORNTHWAITE, 2001), principalmente entre os adolescentes (GROSS, 2004); embora nichos de redes estejam em geral dispersos geograficamente, o interesse por “estranhos” ou pessoas distantes é mínimo (BONEVA; QUINN; KRAUT;

<sup>9</sup> NUSSBAUM, E. Say Everything. New York Magazine, 12 February 2007. Disponível em: <http://nymag.com/news/features/27341/>. Acesso em: 06 jul. 2007.

<sup>10</sup> FAIRFAX Digital News. Turning Japanese. 1 March 2007. Disponível em: <http://www.theage.com.au/news/web/turning-japanese/2007/02/28/1172338633250.html>. Acesso em: 30 jan. 2008.

<sup>11</sup> Eu não objetivo, aqui, negar que tais casos ocorram.

KIESLER; SHKLOVSKI, 2006; MESCH; TALMUD, 2007). No entanto, isso não quer dizer que a comunicação face a face esteja sendo substituída. De fato, as redes sociais estão substituindo até certo ponto outras formas de comunicação on-line (e-mail, salas de bate-papo (*chatrooms*), criação de sites), mas estão incorporando outras (mensagem instantânea, *blogging*, download de música) e ainda fazendo a mediação de outras (principalmente a comunicação face a face e por telefone) (BOLTER; GRUSIN, 1999; JENKINS, 2006). Consequentemente, a simples distinção entre off-line e on-line não abrange mais todas as práticas complexas associadas com as tecnologias on-line porque elas se embutiram profundamente nas rotinas da vida diária (BAKARDJIEVA, 2005; SILVERSTONE, 2006).

Estas percepções centram-se nas emergentes práticas sociais com as redes sociais on-line. Sabemos menos sobre a contribuição específica dos sites de relacionamento social para o desenvolvimento dessas práticas, se é que houve alguma. Para entender a relação entre as duas, a noção de mediação – social e tecnológica – nos permite evitar um relato tecnologicamente determinista e também reconhecer, ao mesmo tempo, o papel formador tanto das práticas tecnológicas quanto das sociais (BAKARDJIEVA, 2005). Hjarvard (2006, p. 5) propõe que:

(...) a mediação refere-se à comunicação por uma ou mais mídias através das quais a mensagem e a relação entre remetente e receptor são influenciadas pelas *affordances* e restrições da mídia específica e dos gêneros envolvidos.

Portanto, como toda comunicação é necessariamente mediada, um estudo empírico sobre as formas e práticas específicas associadas a um certo meio se faz necessário. De um modo complementar, e inspirando-se na psicologia ecológica de Gibson, Hutchby (2001, p. 44) teoriza a mutualidade entre a configuração tecnológica e as práticas sociais assim:

(...) as *affordances* são aspectos funcionais e relacionais que emolduram, sem determinar, as possibilidades para a ação agentiva em relação a um objeto. Desta forma, as tecnologias podem ser entendidas como artefatos que tanto podem ser moldados quanto moldarem as práticas que as pessoas usam na interação com, em volta de, e através de pessoas.

Este artigo combina essas perspectivas com a metodologia qualitativa e centrada na criança (LIVINGSTONE, 1998) para explorar as práticas dos adolescentes nas redes sociais. Uma abordagem centrada na criança significa que, além de entender as *affordances* dos sites de redes sociais, a análise deve reconhecer as experiências dos jovens e deve situar suas práticas nas redes sociais dentro de um estudo das condições, constantemente mudando, da infância e da juventude (JAMES; JENKS; PROUT, 1998). Como já argumentei anteriormente, as tensões sobre o uso das mídias pelas crianças frequentemente se originam nas mudanças subjacentes do posicionamento da infância e juventude em relação aos pais, escola e comunidade (LIVINGSTONE, 2002). Os adolescentes de hoje estão vivendo uma “juventude prolongada”, em termos históricos, permanecendo jovens por mais tempo, em termos de educação e dependência econômica, mas tornando-se independentes mais cedo em termos de sexualidade, lazer e consumo (GADLIN, 1978).

Por conseguinte, para os adolescentes, o mundo on-line pode ser adotado com entusiasmo por representar o espaço “deles”, mais visível aos seus “pares” (*peers*) do que à vigilância dos adultos, uma oportunidade emocionante e relativamente segura de conduzir a tarefa social e psicológica de ser adolescente – construir, experimentar e apresentar um projeto reflexivo do *self* em um contexto social (BUCHNER; BOIS-REYMOND; KRUGER, 1995; GIDDENS, 1991), e também para alguns de não fazer caso das normas de comunicação, e outros comportamentos arriscados (HOPE, 2007; KERR; STATTIN, 2000; LIAU; KHOO; ANG, 2005; WOLAK; MITCHELL; FINKELHOR, 2006). De fato parece que até as atividades on-line valorizadas pelas normas são correlacionadas, na prática, com atividades arriscadas no que diz respei-

to a conteúdo, contato e conduta on-line, sugerindo que o que para um observador adulto pode parecer arriscado é, para o adolescente, muitas vezes precisamente a oportunidade que ele deseja (LIVINGSTONE; HELSPER, 2007); isto complica as tentativas diretas das políticas de maximizar as atividades on-line enquanto minimizam os riscos.

A relação complexa entre oportunidade e risco não é característica exclusiva da Internet, mas é bem mais uma característica da adolescência. Erikson (1959/1980) observou que o adolescente deve desenvolver e ganhar confiança em uma identidade do ego que seja ao mesmo tempo autônoma e valorizada socialmente, contrabalançando o julgamento crítico e a confiança, a integridade interna e a aceitação das expectativas da sociedade. Assim sendo, eles precisam fazer julgamentos que são difíceis tanto off-line quanto on-line – em quem confiar, o que revelar sobre si mesmo, como estabelecer reciprocidade, quando expressar emoção etc. Aqui, ao examinar como a identidade on-line e os relacionamentos com os “pares” são formados pela cultura dos “pares” (*peer culture*) assim como pelas *affordances* do software de engajamento de networking, meu objetivo é mostrar como as oportunidades e riscos on-line estão interconectados.

## **Entrevistas com adolescentes**

Uma série de entrevistas abertas individuais foi realizada com 16 adolescentes em seus lares (Tabela 1). As idades variaram entre 13-16 anos, metade meninas e metade meninos, a maioria de etnia branca, mas vários eram afrodescendentes ou de descendência mista, abrangendo toda a gama de categorias de status socioeconômico, bem como de procedência urbana, suburbana e rural na área da Grande Londres. Todos tinham acesso à Internet em suas residências (embora, em poucos casos, a conexão não estivesse funcionando na hora da entrevista) e todos tinham seus perfis pessoais no MySpace, Facebook, Bebo, Piczo ou similares, que eles tinham acessado pelo menos uma vez por semana nos meses que antecederam a pesquisa.

Tabela 1. Detalhes dos Entrevistados.

Ano Escolar	Sexo	
	Meninas	Meninos
9º ano	Danielle, 13, C1, Piczo Nicki, 14, AB, MySpace Daphne, 14, C2, MySpace, Bebo, ex-Piczo Jenny, 14, DE, MySpace, Bebo Elena, 14, DE, MySpace, Facebook, Bebo	Paul, 13, C2, Bebo, ex-MySpace Joshua, 14, AB, Facebook Billy, 14, C2, MySpace
10º ano	Ellie, 15, AB, Facebook, ex-MySpace	Ryan, 15, C1, Bebo, MySpace, ex-Piczo
11º ano	Nina, 15, C1, Facebook, ex-MySpace Sophie, 16, C2, MySpace	Leo, 16, AB, MySpace Danny, 16, C1, MySpace, Facebook Simon, 16, DE, MySpace Jason, 16, DE, MySpace

Nota: Seguem-se ao pseudônimo de cada entrevistado a sua idade, o status socioeconômico (SSE) e o site de rede social usado. O status socioeconômico (SSE) do agregado familiar é categorizado de acordo com as categorias-padrão de pesquisa de mercado da Grã-Bretanha – AB (classe média profissional), C1 (classe média baixa), C2 (classe trabalhadora com qualificação) e DE (classe trabalhadora semiquificada ou sem qualificações). O 9º ano é o terceiro ano da escola secundária na Grã-Bretanha; 11º ano é o último ano da educação obrigatória.

Os entrevistados foram recrutados por uma agência de pesquisa de mercado em julho de 2007 e entrevistados pela autora. Antes de assinarem o formulário de consentimento, os adolescentes e seus pais receberam uma explicação escrita sobre os objetivos da pesquisa, métodos e ética (mencionando respostas a questões delicadas, o anonimato do respondente e confidencialidade, a armazenagem dos dados e publicação das conclusões). Cada um recebeu um honorário modesto. As entrevistas duraram cerca de uma hora e consistiram em uma discussão aberta

que fluiu livremente em frente ao computador, ao mesmo tempo em que se acessava o perfil pessoal do entrevistado e os perfis dos outros.

Dada a preocupação geral com identidade e relações com os “pares” on-line, conforme moldadas pela cultura de “pares” e pelas *affordances* do site de relacionamento social, juntamente com as implicações para oportunidades e riscos on-line, o programa de entrevista abordou (a) as escolhas, motivações e literacias moldando o próprio perfil do participante; (b) a “leitura” semiótica social dos perfis dos outros (em termos de convenções quanto a forma, identidade e normas de “pares” no que tange às práticas transgressivas ou arriscadas); e (c) os significados pessoais e sociais dos contatos mantidos on-line e sua relação com os amigos off-line na vida diária. As entrevistas consistiram em gravações de áudio e foram transcritas antes de serem codificadas, usando o software Nvivo de codificação qualitativa, de acordo com as categorias derivadas dos temas emanando das respostas dos entrevistados bem como das perguntas feitas nas entrevistas.

## **Representando uma identidade**

As estratégias de representação do *self* apresentam uma variação considerável. Por exemplo, o perfil de Danielle no Piczo apresenta um enorme *Bem-vindo* em rosa cintilante, com música, fotos, um testador de amor, livro de visitas, páginas com dedicação etc, tudo personalizado, até mesmo a barra de rolagem e o cursor com listras rosa, brilho, anjos, flores, borboletas, corações e muito mais (porque “você pode mudá-lo a qualquer hora [e então] pode mostrar várias facetas suas”). Em contraste, o Danny não completou as opções do Facebook quanto à sua visão sobre política, religião e nem mesmo sua rede (“Eu não me dei ao trabalho de escrever sobre mim mesmo”). A maioria dos perfis é elaborada, de uma maneira ou de outra, para fornecer uma maneira de expressar para outras pessoas “quem você é”, como a Nina disse. A Elena, que passa várias horas por dia atualizando e alterando seus perfis no MySpace, Facebook e Peczo, comenta:

(...) eu acho que os *layouts* realmente mostram – sabe? – quem você é. Então, veja o arco-íris aí. Eu acho que faz você parecer – sabe? – bem cintilante... eu gosto de ter vários... são gostos diferentes, modas diferentes, sentimentos diferentes cada dia.

Em resposta a essa atividade contínua de representar-se a si mesma, os amigos de Elena espalharam comentários simpáticos no seu perfil – “Estou sempre aqui para você”, “você é maravilhosa” etc. – como parte de uma troca recíproca de apoio mútuo que ela aprecia:

(...) é legal – sabe? – se você tem uma foto legal de você, e as pessoas são, oh, você está legal. É – sabe? – bem legal, eu acho que quando as pessoas dizem que você está bonita... eu gosto quando eles comentam sobre mim porque mostra que elas se importam.

Não se deve presumir que todos os perfis sejam simplesmente lidos como informações sobre um indivíduo. A Jenny, como os outros, está bem ciente que os perfis podem ser “somente uma fachada”. Para vários dos entrevistados parece que a posição deles na rede de seus “pares” é mais significativa do que as informações pessoais fornecidas, assim tornando o perfil mais como um marcador (*place-marker*) do que um autorretrato. Inicialmente, eu entendi mal isso – por exemplo, no site do Leo havia um comentário da sua amiga “Blondie” dizendo que ela estava grávida: quando lhe perguntei, ele esclareceu que, obviamente, “ela está brincando” – a intenção era compartilhar (e apresentar) o relacionamento humorístico deles e não fazer uma revelação pessoal. Um exemplo mais continuado – e bem comum – foi dado por Paul. Um menino confiante e sociável que “foi arrastado para o mundo Bebo” porque “todo mundo estava falando sobre isso”, ele construiu um perfil como uma piada. Postando uma foto engraçada dele, colocou como idade 36 anos, casado, vivendo na África, uma pessoa que gosta de humilhar os outros e ficar inconsciente (houve outros exemplos de estilos jocosos, às vezes resistentes, de adolescentes – postando uma foto de seu cachorro,

por exemplo, em vez da sua). No entanto, na entrevista, Paul deu pouca atenção a isso, uma vez que seus irmãos e amigos (com quem ele, como outros, compartilhou sua senha) frequentemente mudam seu perfil por divertimento. Assim sendo, o perfil de Paul não significa para ele um meio de expor informações pessoais dele para o mundo, como frequentemente se supõe, mas é significante para ele precisamente porque o conteúdo jocosos evidencia seu relacionamento alegre e de confiança com seus irmãos e amigos.

Evidenciando a falta de uma concordância *one-to-one* entre usuários e perfis, ponto também evidente na maneira como alguns usuários mantêm vários perfis em sites diferentes, o Paul explica como o perfil pode expor mais o grupo de “pares” do que o indivíduo:

(...) quando nós saímos, então eles tiram fotos nos seus celulares e tal, e daí eles fazem o *upload* lá... sabe? todo mundo pode ver o que nós fizemos e – sabe? – ver todos nossos amigos e quando estamos juntos e é como – sabe? – lembrando aquele dia.

Portanto, embora pareça realmente que, para muita gente, a rede social é “só sobre mim, mim, mim”, isso não implica em uma autoabsorção narcisística. Ao contrário, seguindo a distinção fundamental entre o “eu” e o “mim” que fez Mead (1934) como sendo aspectos gêmeos do *self*, as redes sociais são sobre “mim”, no sentido de que revelam o *self* embutido no grupo de “pares”, como conhecido e representado por outros, e não o “eu” particular mais conhecido pela própria pessoa.

Embora os adolescentes tendam a descrever suas atividades de redes sociais em termos de escolhas feitas livremente, quando questionados mais de perto parece que eles estão restritos de duas maneiras: primeiro pelas normas e práticas do seu grupo de “pares”, e segundo pelas *affordances* da interface tecnológica; várias representações da “sociedade adulta” (pais, pânico da mídia etc.) também desempenham um papel secundário em alertá-los sobre os riscos de estranhos, de vírus, ameaças à privacidade etc.. A seguir exploro cada um deles, mostrando primeiro como os

jovens usam criativamente as várias *affordances* dos diferentes sites para satisfazer suas necessidades de identidades sempre em mudança e expondo, posteriormente, também como os jovens lutam para inserir seus interesses e preocupações dentro das estruturas oferecidas pelos sites.

### **Transições no desenvolvimento da identidade**

Embora minha intenção fosse a de recrutar adolescentes em uma faixa estreita de idade (ou seja, de 13 a 16 anos, uma coorte usada normalmente em pesquisas de sondagem), o que aconteceu foi que meus entrevistados, coletivamente, tinham uma história para contar sobre sua mudança de identidade. Os adolescentes são muito conscientes das diferenças sutis entre os que estão num ano abaixo ou acima na escola, e isso indica as diferenças percebidas em identidade, posição social ou maturidade, e as escolhas de mídia são frequentemente usadas como marcadores de relativa maturidade (você já tem sua televisão própria? Ou já assistiu a um filme classificado para pessoas mais velhas que você?; LIVINGSTONE, 2002). O que é interessante é que, em relação aos sites sociais, tal desenvolvimento da identidade parecia ser expressado em termos de decisões a respeito do estilo ou escolha de site. A Nina, por exemplo, passou do MySpace para o Facebook, descrevendo isso de maneira um tanto vaga como a transição dos *layouts* mais elaborados para adolescentes mais jovens para um perfil mais simples preferido pelos adolescentes mais velhos.

(...) sobre perfis, tudo [no MySpace] tinha a ver com ter planos de fundo coloridos... ao contrário eu acho que – sabe? – Facebook eu prefiro ter, como as pessoas mais velhas, e era mais sofisticado, posso usar essa palavra?... Quando eu tinha 14 anos descobri que eu sempre queria ser como alguém mais velho do que eu... Quando eu entrei primeiro no MySpace, pensei que era uma coisa realmente maneira porque todos os mais velhos já tinham isso, e todos tinham seus *templates* e coisas – sabe? – ... mas eu de certo modo já passei desse estágio, e agora prefiro coisas mais simples.

A Ellie, de 15 anos, indica uma distinção semelhante ao comparar o perfil dela no Facebook com o uso do MySpace que faz sua irmã de 12 anos:

A razão por que elas [as meninas mais jovens] gostam do MySpace parece ser porque você pode decorar sua página com flores e corações e pôr *glitter* (letras reluzentes), enquanto que neste [Facebook] é – sabe? – um fundo branco sem muita coisa, só uma foto e o nome, mais ou menos a mesma coisa para todos. . [Falando dela mesma] Eu realmente não vejo por quê. Não é para exibir minha personalidade. Não estou tentando dizer, oh, eu gosto de roxo ou eu gosto de corações... É mais como se estivesse falando com três amigos, e como meus amigos me conhecem não preciso ficar exibindo minha personalidade... No MySpace todo mundo tem essas coisas sabe, eu gosto disto, eu detesto aquilo, e tentam exibir quem são, e eu simplesmente não acho isso necessário se eles são realmente seus amigos.

Uma vez sensibilizados a essa mudança de estilo, ficou claro para mim que alguns adolescentes preferiam perfis elaboradamente personalizados enquanto que outros favoreciam uma estética mais simples. A Daphne, a Danielle e o Ryan gostam de ficar mudando os planos de fundo e os *layouts* do perfil deles todos os dias, adotando tipicamente um estilo altamente estereotipado de acordo com o sexo, por exemplo: corações cor-de-rosa e letras brilhantes para meninas, e fundos pretos com automóveis polidos e caros para os meninos. No entanto, o Ryan, o mais velho dos três, tem um perfil anterior no Piczo que é mais elaborado e cheio de coisas do que seu perfil atual no Bebo. A transferência não precisa se efetuar com uma mudança de site, a Nicki continuou no MySpace, visto que muitos dos seus amigos usam esse site: ela observa, “é engraçado, como no MySpace você vai passando por fases em que todo mundo tem um plano de fundo realmente atulhado de coisas e depois todo mundo vai ter um tipo de plano de fundo sem nada.” A flexibilidade dos sites sociais permitindo revisões da identidade da gente é bem-vinda. O Leo diz, a respeito do seu per-

fil no MySpace, “o que eu tinha feito antes eu realmente não gostei, então resolvi começar de novo, e daí eu comecei um outro... [o perfil anterior] era – sabe? –... gente que eu não gostava tinha o endereço, então eu achei melhor começar tudo de novo”. Note-se que ele, ao contrário do Ryan, mudou seu perfil não tanto porque a informação pessoal que expunha não representava mais a sua identidade, mas sim porque estava embutida em uma rede de conexões com seus “pares”, que ele achou que deveria deixar para trás.

O que poderia significar, para adolescentes mais jovens e mais velhos, essa mudança, seja ela feita por meio de uma mudança da rede social de cada um, ou apenas do perfil de cada um? A propósito de estilos de vida, Ziehe (1994, p. 2) argumenta que eles deveriam ser reconhecidos como “meios de vida coletivos”... [que] indicam orientações comuns de gosto e interpretações; eles demonstram um certo uso de signos com uma concisão específica do grupo. Em termos evocativos das práticas das redes sociais, ele argumenta que os estilos de vida são caracterizados, primeiro, por atenção a si próprio, uma disposição subjetiva que “levanta a questão... de ter uma vida bem-sucedida como uma expectativa diária”; segundo, pela estilização, em que “objetos, situações e ações são colocados em um arranjo coerente de signos e “apresentados”; e, terceiro, pela reflexividade, pela qual “os estilos de vida expressam uma pressão de orientação que se voltou para dentro”. As novas perguntas são: “o que eu realmente quero?” e “o que é importante para mim?” [resultando em] uma semântica diária de auto-observação e autoavaliação” (p. 11-12). Assim, Ziehe sugere uma maneira pela qual o projeto do *self* é representado de acordo com convenções culturais altamente codificadas (incluindo aqui as interfaces tecnológicas) e preferências sociais (embutidas aqui nas normas da cultura do consumidor).

Tendo isso em mente, a Ellie, a Nina e outros parecem sugerir que, para os adolescentes mais jovens, a autoatenção é representada através da construção de uma elaborada e altamente estilizada declaração de identidade como uma exposição. Assim, um perfil visualmente ambicioso, que pega “daqui e dali”, que mistura frequentemente imagens

emprestadas e outros conteúdos para expressar gostos em constante mudança, oferece, para alguns, um *self* satisfatoriamente “bem-sucedido”, apreciado e admirado pelos seus “pares”. Mas essa noção de identidade como uma exposição, que caracteriza os perfis da Daphne e da Danielle, e um pouco menos os perfis de vários outros, é gradualmente substituída pela construção mútua entre os “pares” da noção de identidade através de conexão. Nesta abordagem alternativa, os elementos de exposição são tirados do perfil e substituídos pela privilegiação visual de seus contatos, primariamente através de links com outros perfis e postando fotos do grupo de “pares” socializando off-line.

Igualmente estilizada, embora empregando uma estética diferente, e ainda concentrada nas tarefas reflexivas de auto-observação e autoavaliação, esta fase posterior nos faz pensar no argumento de Giddens (1991, p. 91) de que o “relacionamento puro” está substituindo o relacionamento tradicional há muito embutido em estruturas de família, trabalho ou comunidade. Como ele diz, “o relacionamento puro é organizado reflexivamente, de uma maneira aberta e contínua”, priorizando os valores de autenticidade, reciprocidade, reconhecimento e intimidade. A revisão contínua do *self*, fazendo lembrar as preocupações dos adolescentes quando falam sobre redes sociais, é aludida quando o Leo diz: “Eu vou sempre adicionar mais amigos”. As implicações de julgar os outros são acentuadas não somente pela ênfase da Ellie, anteriormente citada, sobre gente que são amigos “verdadeiros” e, portanto, já a conhecem, mas também pela observação do Ryan sobre outros de que “você olha as suas imagens, vê se são autênticos ou não, e se eles não têm nenhum comentário e só estão adicionando gente, então não vou acreditar neles”. Agora, também, podemos ver que a omissão do Danny de fornecer informações pessoais no seu perfil é não tanto um estranho esquecimento de si próprio, mas sim a priorização de um *self* embutido em conexões sociais, porque não é o caso de Danny não ter se dado ao trabalho de fazer networking: ele mantém conexões com 299 amigos e verifica todos os dias para ver se “eu tenho alguma – sabe? – mensagens, convites de novos amigos e tal – sabe? –, novos comentários”.

Em termos das *affordances*, portanto, os sites de redes sociais emolduram, mas não determinam. Os jovens ainda têm a opção de selecionar uma autorrepresentação mais ou menos complexa ligada a uma mais ou menos ampla rede de outras pessoas. Essas escolhas oferecem vantagens e desvantagens. A elaboração da apresentação do *self* no nodo suporta a biografagem do *self* feita por meio da priorização de uma gerenciada e estilizada exposição de identidade como um estilo de vida. Mas isso corre o risco de invasões de privacidade, uma vez que o *self* dos bastidores fica à vista (GOFFMAN, 1959), ocasionando possíveis respostas críticas ou abusivas de outros. Algo dessa ansiedade associada está evidente no comentário do Ryan sobre seu perfil, no qual diz: “espero que o pessoal goste; se não gostarem, azar deles”. A interligação de oportunidades e riscos está também aparente quando a Danielle discute como sua amiga usou o Piczo para expressar sua tristeza quando seus pais se separaram, “porque os outros podem dar conselhos sobre o que fazer ou dizer, não se preocupe, você pode sair dessa”; entretanto, ela é uma dos poucos entrevistados que falou sobre o risco de comentários hostis, dizendo que “às vezes os comentários são cruéis e eles [seus amigos] ficam tristes e choram”.

Alternativamente, a identidade pode ser elaborada em termos de rede, o nodo sendo relativamente sem adornos, mas cheio de significação através das suas conexões com os outros selecionados. Como afirma Marwick, os sites de redes sociais permitem às pessoas “codificarem, mapearem e verem suas ligações relacionais entre eles e outros” (2005, p. 3). Aqui, pelo contrário, o projeto do *self* corre mais risco em termos da reputação que a pessoa tem na rede – as pessoas visitam seu perfil e deixam comentários, você aparece como o amigo preferido de alguém? etc. Essa preocupação talvez explique a atividade rotineira, porém altamente absorvente de checar os perfis das pessoas e, em resposta, revisar o próprio, e isso muitas vezes ocupa uma hora ou mais por dia. A Jenny comenta sobre o MySpace: “você olha os perfis das outras pessoas e olha todas as imagens delas, as imagens dos amigos delas e daí... se alguém faz um comentário sobre mim, eu faço um sobre eles... você fica – sabe? – viciado nisso”. O Billy, igualmente, deixa uns 20 comentários por dia;

“eu vou de um [perfil] para outro, – sabe? – com meus amigos, eu digo oi, como vai?”. A Nicki acrescenta que, ao mandar um comentário rápido, “parece – sabe? – que eu fico em contato”. Esse processo, custoso em termos do tempo que consome, de sustentar “uma conexão constante” com os “pares” (CLARK, 2005) pode parecer banal para o observador adulto (um pai ou pesquisador), sendo em geral até simpático, e longe do alegado drama de fazer revelações e encontros arriscados. Mas, como acontece com os atos de reconhecimento que constituem as relações sociais off-line, podem ser necessários para reafirmar o nosso lugar dentro da rede de “pares”.

### **Criando espaços privados para intimidade entre “amigos”**

Criar identidade e relações sociais on-line não só demanda tempo e é às vezes arriscado, mas também pode ser difícil de gerenciar. Nas entrevistas o tópico de privacidade enfatizou as maneiras pelas quais as *affordances* dos sites de relacionamento social limitam a autoexpressão dos adolescentes. Embora muito do que os adolescentes expressam ocorra off-line, e embora geralmente optem por configurar seus perfis como privados (LENHART; MADDEN, 2007), ainda assim eles podem revelar informações pessoais até para várias centenas de pessoas que eles conhecem apenas casualmente. Isto ocorre, em parte, porque os sites de relacionamentos sociais tipicamente mostram como padrão exatamente as informações pessoais que as gerações anteriores frequentemente consideram como particulares (especialmente idade, política, renda, religião, preferência sexual). Assim, para a geração de pais, pode parecer curiosa a observação feita por Ellie:

Não tenho nada de muito pessoal nele, tipo, posso dizer que sou judia ou [tenho] ideias políticas conservadoras e posso dizer quando é meu aniversário ou que sou de Londres. Não há nada muito específico que possa dar a alguém uma ideia muito completa de mim.

Apesar disso, seria errôneo concluir que os adolescentes não se preocupam com sua privacidade. Segundo as palavras da Sophie àqueles que criticam sua geração: “Eu não passo informação que eu não esteja querendo compartilhar.” A questão sobre o que você mostra aos outros e o que você mantém como privado foi muitas vezes a parte mais animada das entrevistas, sugerindo que há um intenso interesse em privacidade. Os adolescentes descreveram decisões ponderadas sobre o que, como e para quem eles disponibilizam informações pessoais – estabelecendo seus próprios limites sobre quais informações são postadas e quais são mantidas fora do site, fazendo escolhas deliberadas em que o seu modo de comunicação (e suas *affordances* específicas) seja condizente com o conteúdo comunicativo específico. Isto sugere uma definição de privacidade não atrelada à revelação de certos tipos de informação, mas, ao contrário, uma definição centrada no controle sobre quem sabe o que sobre você (LIVINGSTONE, 2006). Stein e Sinha (2002, p. 414) expressaram isto formalmente ao definirem privacidade como “os direitos dos indivíduos de gozarem de autonomia, de serem deixados em paz, e de determinarem se e como as informações sobre eles mesmos são reveladas aos outros” (STEIN; SINHA, 2002, p. 414).

A vantagem desta definição é que ela resolve o aparente paradoxo de que “a Geração MySpace” se preocupa com a privacidade, mas também está pronta para desvelar informações pessoais (BARNES, 2006; DWYER). O ponto é que os adolescentes devem revelar e revelam informações pessoais a fim de manter a intimidade, mas eles querem controlar como eles gerenciam essa divulgação. De acordo com Giddens (1991, p. 94), “a intimidade é o outro lado da privacidade”. No entanto, dois problemas enfraquecem o controle dos adolescentes sobre tal divulgação. O primeiro é que a noção que eles têm de “amigos” é sutil, enquanto que a noção que têm dos sites de relacionamento social é tipicamente binária, permitindo somente uma simples classificação dos contatos (por exemplo, para o MySpace, seus amigos *versus* todos usuários; para o Facebook, sua rede *versus* todas as redes). A necessidade de ter que decidir se as informações pessoais devem ser divulgadas aos “amigos” ou a

“qualquer um” deixa de denotar as variedades de privacidade que os adolescentes desejam manter. De fato, ficar visível a estranhos (escolhendo a configuração do perfil como “público”) não é tanto uma preocupação – não obstante os pânicos da mídia sobre o “perigo das pessoas estranhas” – quanto o ficar visível a outras pessoas conhecidas, porém inapropriadas – especialmente os pais. Como o Jason explica:

(...) você não se importa com [outras] pessoas lendo, mas são seus pais, você realmente não quer que seus pais vejam, porque eu realmente não gosto que meus pais, tipo, olhem no meu quarto e minhas coisas, porque é – sabe? – meu espaço privado.

Ele deseja que seu espaço privado on-line, seu perfil, seja público para seus amigos, mas privado para os seus pais. Assim, o Simon expõe: “as pessoas que nos conhecem, para eles – sabe? – vai provavelmente ser público”. A linguagem das configurações de privacidade é, ela mesma, confusa. Mas quando a Nina se queixa sobre o Facebook dizendo que “eles deveriam fazer alguma coisa para torná-lo mais – sabe? – privado, porque na verdade você não consegue configurar seu perfil como privado”, alguma coisa mais sutil está sendo dita. A Nina não está confusa sobre as configurações – pois na linguagem dos sites de relacionamento social o perfil dela está “configurado como privado”. O que acontece é que ela se sente frustrada porque seu site não lhe permite discriminar, dentre seus 300 e tantos “amigos”, quem pode saber o que sobre ela. De fato, não é de surpreender que os adolescentes classifiquem seus amigos de várias formas. Quando perguntei sobre seus 554 amigos no Facebook, a Ellie descreveu amigos da escola, amigos de umas férias em Manchester, amigos da Rede de Londres etc. Embora alguns rejeitem a tendência a um círculo social em constante expansão (o Jason, por exemplo, tem apenas 39 amigos porque eles são, segundo diz, seus verdadeiros amigos, e ter centenas de amigos não “faz sentido algum”), isto não significa que aqueles que têm muitos amigos não façam distinções entre eles. A classificação da Nina é graduada em termos de intimidade:

(...) bem, eu tenho meus melhores amigos, e daí eu tenho amigos com quem tenho uma certa amizade, e daí eu tenho amigos que vejo de vez em quando, e eles geralmente fazem parte dos amigos de escola... E daí tem gente com quem realmente não falo, mas sei quem são, e talvez eu diga “oi” e “tchau” nos corredores da escola para esses amigos.

Não fica claro para esses adolescentes como eles podem refletir essas graduações de intimidade no gerenciamento de quem sabe o que sobre eles, uma vez que as configurações de privacidade disponíveis parecem inadequadas para isso. Fahey (1995, p. 688) argumenta que:

(...) em vez de falar de um único limite de público/privado, talvez fosse mais exato falar de uma reestruturação mais complexa em uma série de zonas de privacidade, das quais nem todas se ajustam facilmente às imagens-padrão do que é o limite de público/privado.

Uma vez que essas “zonas de privacidade” estão agora sendo parcialmente gerenciadas on-line, a questão agora é a (não)combinação entre as *affordances* tecnológicas e os conceitos adolescentes sobre amizade. Pois, os adolescentes não estão obviamente priorizando o resguardo de sua privacidade frente a estranhos (se fosse o caso, eles poderiam simplesmente desligar o computador). Na verdade eles estão empenhados em compartilhar suas experiências particulares, em criar espaços de intimidade, em serem eles mesmos nas conexões com os amigos e através delas.

Os adolescentes deparam-se também com um segundo problema ao gerenciarem sua privacidade on-line, e este diz respeito à relação entre sua literacia de Internet e o desenho das interfaces dos sites de rede social e das configurações. Uma proporção considerável dos entrevistados hesitou quando lhes pedi para me mostrarem como mudar suas configurações de privacidade, frequentemente clicando nas opções erradas antes de desempenharem a tarefa e demonstrando um nervosismo sobre as consequências não intencionais de mudar as configurações (aqui, eles mencionaram tanto o risco do “perigo de pessoas desconhecidas” como

a aprovação dos pais, embora eles também contassem histórias de vírus, computadores travados, propaganda indesejável e mensagens com correntes irritantes). Por exemplo, ao configurar seu perfil como privado, o Billy me diz que não consegue mudá-lo para público. O Leo queria que seu perfil fosse público, pois faz propaganda da sua banda de música, mas ainda assim ficou incerto: “Eu deveria ter clicado no *box*, mas não estou 100% certo se eu fiz isso”. Ou ainda, a Ellie se inscreveu na Rede de Londres em vez de inscrever-se na rede de sua escola quando ela se cadastrou no Facebook e agora não consegue mudar isso, dizendo “eu provavelmente consigo, mas não sou muito, não sou tão boa assim, eu ainda não aprendi todos os truques de como fazer.” O resultado é que ela vê as informações privadas de milhares de londrinos, mas não as de seus colegas de escola. Não é de se surpreender, então, que, quando perguntei aos adolescentes se eles gostariam de mudar alguma coisa sobre as redes sociais, eles disseram que as suas principais prioridades são: a operação das configurações de privacidade e as provisões de mensagens particulares nos sites, junto com a eliminação de *spams* e correntes – ambos considerados como invasões de privacidade.

Essas dificuldades em gerenciar a privacidade por meio das configurações de privacidade refletem questões mais amplas da literacia da Internet. Por exemplo, a barra superior do perfil no MySpace lista “*blog*”, “*grupos*”, “*fórum*”, “*eventos*”, “*música*”, “*filmes*” e demais. Apesar de observar a inclusão de música nos perfis de grande parte dos adolescentes, quando eu lhes perguntei sobre *blogs*, *grupos*, ou *fóruns*, a reação frequentemente foi de não estarem entendendo o que eu estava falando. Até o Danny, de 16 anos, cujo pai trabalha com computadores e que diz com segurança, “eu entendo bem de computadores”, ficou confuso quando lhe perguntei sobre a facilidade de *grupos*, dizendo, “não sei se tenho um grupo... eu nem sabia que havia grupos”. Por outro lado, a Ellie, já se afiliou a 163 grupos, incluindo o da sociedade de apreciação do seu ônibus local, um outro sobre seu programa favorito, outro de uma sociedade beneficente da qual faz parte etc. Mas ela mal tinha notado o *blog*, que certamente não usa, comentando “eu acho que nenhum de meus amigos tem”. Pelo que

parece, os limites da abordagem supostamente exploratória e criativa dos adolescentes nas redes sociais são facilmente alcançados. Tais dificuldades são frequentemente “resolvidas” pragmaticamente simplesmente ignorando as *affordances* dos sites (sem nenhuma relação com o fato destas serem bem ou mal desenhadas), e isso inclui não usar as opções detalhadas de privacidade disponibilizadas por alguns sites.

Mas como a Ellie sugere, essa negligência parcial dos sites de relacionamento social reflete o papel modelador das expectativas sociais no grupo de “pares”. Desenhar um perfil não é unicamente uma questão de escolha individual. É direcionado aos outros, através da escolha do site (deve-se selecionar o site que já é usado pelos nossos amigos), do modo de tratar os outros (a maioria diz que põe em seus perfis o conteúdo que eles acham que seus amigos vão gostar) e, em termos práticos, do momento de montar um perfil (em geral feito com a ajuda de um amigo que já usa o site). A literacia também é importante aqui, pois vários dos adolescentes que observei sentiam-se limitados pela maneira como o perfil foi inicialmente montado por um amigo, nem sempre sendo capazes de alterá-lo. Um exemplo disso é a informação falsa geralmente postada nos perfis sobre as idades, seguindo a opinião do grupo de “pares” (não necessariamente correta) de que eles eram jovens demais para poder estar no site: o Billy é típico ao se descrever como tendo 16 anos em vez de 14 (porque o amigo que montou seu perfil pensou que 16 fosse a idade mínima permitida), e vários têm uma idade oficial (falsa), mas também declaram sua idade verdadeira em outro lugar nos seus perfis, e alguns usam idades de piada (o Ryan, por exemplo, diz que tem 98). Corrigir as informações erradas mais tarde não é algo que eles consigam fazer, segundo me disseram vários adolescentes.

## **Conclusão**

No fim da modernidade, a “autoatualização” é entendida em termos de um equilíbrio entre oportunidade e risco” (GIDDENS, 1991, p. 78). Tanto as oportunidades quanto os riscos surgem porque a autoatuali-

zação é um processo social. O *self* é constituído através da interação com os outros, e para os adolescentes de hoje a autoatualização inclui cada vez mais uma negociação cuidadosa entre as oportunidades (para identidade, intimidade, sociabilidade) e os riscos (relacionados à privacidade, mal-entendidos, abuso) facultados por comunicações mediadas pela Internet. Em meio a esta amostragem reconhecidamente pequena de adolescentes, percebeu-se que os mais jovens gostam muito das oportunidades de brincar e apresentar, recriando continuamente a sua identidade de maneira muito decorativa e com estilo elaborado. Após experimentar essa “fase”, os adolescentes mais velhos mostraram preferência por uma estética mais simples que acentua suas ligações com os outros, expressando uma noção de identidade vivenciada através de relacionamentos autênticos com os outros. Esta mudança aparente nas fases de desenvolvimento de identidade, como sugeri, pode ter implicações na experiência dos adolescentes com as oportunidades e os riscos on-line.

Também influenciam o equilíbrio entre oportunidades e riscos on-line as *affordances* de sites de relacionamento social e, principalmente, como examinei aqui, sua concepção de “amigos” e a provisão de configurações de privacidade. Notou-se que os adolescentes trabalham com uma classificação sutil de “amigos”, graduada em termos de intimidade, que se coaduna mal com a noção de “público” e “privado” desenhada nos sites de relacionamento social. Embora seja o desejo dos adolescentes de haver uma graduação sutil em níveis de intimidade (em vez de um desejo de publicidade ou exibicionismo) que oriente a abordagem que eles têm de privacidade on-line, eu sugeri que neste aspecto os jovens lutam em termos de literacia da Internet, impedida, por sua vez, pelas *affordances* dos sites de relacionamento social.

Para aqueles centrados na identidade como exposição (*display*), os riscos on-line podem surgir da autoexposição deliberada e por vezes ingênua que fazem de informações pessoais para um grande círculo de contatos, dentre os quais nem todos são amigos íntimos, ou nem mesmo lembrados. Para os que focalizam na identidade como conexão, os riscos on-line surgem da própria confiança que eles têm de que

podem conhecer, julgar e confiar nas pessoas com quem têm intimidade, assim como da possibilidade de serem desprezados ou excluídos do seu grupo de “pares”. Por fim, os riscos também podem surgir da limitada literacia da Internet que os adolescentes têm, combinada com as configurações confusas ou mal desenhadas dos sites, deixando-os em dúvida sobre o seu controle sobre quem pode ver o que sobre eles. Cada um desses riscos pode afetar negativamente apenas uma minoria, mas os riscos tornam apropriadas as medidas de políticas públicas, tais como melhoria no desenho do site, literacia de Internet, orientação dos pais etc..

Finalmente, vale notar que, para não comprometer muito sua privacidade, vários dos entrevistados optam por expressar suas experiências mais pessoais (definidas por eles, e não pela sociedade de adultos) usando outros modos de comunicação, on-line ou off-line. A triste amiga da Danielle, anteriormente mencionada, parece ser mais uma exceção do que a regra, e a maioria dos adolescentes entrevistados sabia claramente que usam os sites de relacionamento social somente para uma parte de seus relacionamentos sociais e não para todos. Por exemplo, a Ellie usa o MSN para conversas privadas com seus melhores amigos e, como outros tantos, para flertar. A Nina, a Daphne e muitos outros conversam com seus melhores amigos face a face ou, uma vez mais, por MSN. Quando está deprimido, o Joshua não recorre ao telefone, nem à Internet, nem a um amigo, mas prefere ouvir um rock bem alto em seu quarto. Como a Sophie explica, “quando você está de mau humor, o MySpace não é realmente o melhor lugar... você não consegue transmitir suas emoções lá, porque você está escrevendo. É bom para combinar encontros e tal, mas não é bom quando se precisa de um bom papo”. Em outras palavras, embora para existir on-line, é preciso se escrever lá e escrever suas amizades e comunidades (BOYD, 2006; SUNDEN, 2003), isto não significa que seja preciso incluir todas as suas facetas. Para muitos adolescentes, decidir o que não escrever sobre si mesmo on-line é um ato agentivo para proteger suas identidades e seus espaços de intimidade.

## Referências

- BAKARDJIEVA, M. *Internet Society: The internet in everyday life*. London: Sage, 2005.
- BARNES, S. B. A Privacy Paradox: Social Networking in the United States [Electronic Version]. *First Monday*, v. 11, n. 9, 2006. Disponível em: [http://www.firstmonday.org/ISSUES/issue11\\_9/barnes/](http://www.firstmonday.org/ISSUES/issue11_9/barnes/). Acesso em: 09 mar. 2007.
- BOLTER, J. D.; R. GRUSIN. *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1999.
- BONEVA, B.; QUINN, A.; KRAUT, R.; KIESLER, S.; SHKLOVSKI, I. Teenage Communication in the Instant Messaging Era. In: KRAUT, R.; BRYNIN, M.; KIESLER, S. (Ed.). *Computers, Phones, and the Internet: Domesticating Information Technology*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2006. p. 201-218.
- BOYD, D. Friends, Friendsters, and Top 8: Writing Community into Being on Social Network Sites [Electronic Version]. *First Monday*, v. 11, n. 12, 2006. Retrieved 09/03/2007 from [http://www.firstmonday.org/issues/issue11\\_12/boyd/](http://www.firstmonday.org/issues/issue11_12/boyd/)
- BOYD, D.; ELLISON, N. Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n. 1, article 11, 2007. Retrieved 30/01/2008 from <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>
- BUCHNER, P.; BOIS-REYMOND, M. D.; KRUGER, H. H. Growing Up in Three European Regions. In: CHISHOLM, L. (Ed.) *Growing Up in Europe: Contemporary Horizons in Childhood and Youth Studies*. Berlin: de Gruyter, 1995. p. 43-59.
- CLARK, L. S. The constant contact generation: exploring teen friendship networks online. In: MAZZARELLA, S. (Ed.) *Girl Wide Web*. New York: Peter Lang, 2005. p. 203-222.
- DWYER, C. Digital relationships in the “MySpace” generation: Results from a qualitative study. *Proceedings of the Fortieth Hawaii International Conference on System Sciences*. Los Alamitos, CA: IEEE Press, 2007.
- ERIKSON, E. H. *Identity and the life cycle*. New York: W.H.Norton and Co, 1959/1980.
- FAHEY, T. Privacy and the family. *Sociology*, v. 29, n. 4, p. 687-703, 1995.
- GADLIN, H. Child discipline and the pursuit of self: An historical interpretation. In: REESE, H. W.; LIPSITT, L. P. (Ed.). *Advances in Child Development and Behavior*. v. 12. New York: Academic Press, 1978. p. 231-261.
- GIDDENS, A. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press, 1991.

- GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Harmondsworth: Penguin, 1959.
- GROSS, E. F. Adolescent Internet use: What we expect, what teens report, *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 25, n. 6, p. 633-649, 2004.
- HAYTHORNTHWAITE, C. Tie Strength and the Impact of New Media. Paper presented at the HICSS 34, Hawaii, January 3-6, 2001.
- HINDUJA, S. AND PATCHING, J., W. Personal Information of Adolescents on the Internet: A Quantitative Content Analysis of MySpace. *Journal of Adolescence*, v. 31, n. 1, p. 125-146, 2008.
- HJARVARD, S. The Mediatization of Religion: A Theory of the Media as an Agent of Religious Change. Paper presented at the 5th International Conference on Media, Religion and Culture, Sweden, July 6-9, 2006.
- HOPE, A. Risk Taking, Boundary Performance and Intentional School Internet "Misuse". *Discourse*, v. 28, n. 1, p. 87-99, 2007.
- HUTCHBY, I. Technologies, texts and affordances. *Sociology*, v. 35, n. 2, p. 441-456, 2001.
- JAMES, A.; JENKS, C.; PROUT, A. *Theorizing Childhood*. Cambridge: CUP, 1998.
- JENKINS, H. *Convergence Culture: Where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.
- KERR, M.; STATTIN, H. What parents know, how they know it, and several forms of adolescent adjustment: Further support for a reinterpretation of monitoring. *Developmental Psychology*, v. 36, n. 3, p. 366-380, 2000.
- LENHART, A.; MADDEN, M. *Social Networking Websites and Teens: An Overview*. 2000. Disponível em: [http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP\\_SNS\\_Data\\_Memo\\_Jan\\_2007.pdf](http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_SNS_Data_Memo_Jan_2007.pdf) (Last accessed 20 Dec 2007).
- LIAU, A. K.; KHOO, A.; ANG, P. H. Factors influencing adolescents engagement in risky internet behavior. *CyberPsychology & Behaviour*, v. 8, n. 2, p. 513-520, 2005.
- LIVINGSTONE, S. Mediated childhoods: A comparative approach to young people's changing media environment in Europe. *European Journal of Communication*, v. 13, n. 4, p. 435-456, 1998.
- LIVINGSTONE, S. *Young People and New Media: Childhood and the Changing Media Environment*. London: Sage, 2002.
- LIVINGSTONE, S. Children's Privacy Online: Experimenting with Boundaries Within and Beyond the Family. In: KRAUT, R.; BRYNIN, M.; KIESLER, S. (Ed.). *Computers, Phones, and the Internet: Domesticating Information Technology*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2006. p. 128-144

- LIVINGSTONE, S.; HELSPER, E. J. Taking risks when communication on the Internet: the role of offline social-psychological factors in young people's vulnerability to online risks. *Information, Communication & Society*, v. 10, n. 5, p. 619-644, 2007.
- MARWICK, A. I'm a Lot More Interesting than a Friendster Profile: Identity Presentation, Authenticity and Power in Social Networking Services. Paper presented at the Conference of the Association of Internet Researchers 6, Chicago, October 5-6, 2005.
- MEAD, G. H. *Mind, Self and Society: From the Standpoint of a Social Behaviourist*. Chicago: University of Chicago Press, 1934.
- MESCH, G. S.; TALMUD, I. Similarity and the Quality of Online and Offline Social Relationships among Adolescents in Israel. *Journal of Research on Adolescence*, v. 17, n. 2, p. 455-466, 2007.
- NIELSEN//NetRatings. Facebook & Bebo: The Assault on MySpace, 28 jun. 2007, p.1. Disponível em: [http://www.nielsennetratings.com/pr/pr\\_070628\\_UK.pdf](http://www.nielsennetratings.com/pr/pr_070628_UK.pdf). Acesso em: 30 jan. 2008.
- SILVERSTONE, R. Domesticating domestication: Reflections on the life of a concept. In: BERKER, T.; HARTMANN, M.; PUNIE, Y.; WARD, K. J. (Eds.). *The Domestication of Media and Technology*. Maidenhead: Open University Press, 2006. p. 229-248.
- STEIN, L.; SINHA, N. New Global Media and Communication Policy: the Role of the State in Twenty-First Century. In: LIEVROUW, L.; LIVINGSTONE, S. (Ed.). *Handbook of New Media: Social Shaping and Consequences of ICTs*. London: Sage, 2002. pp. 410-431.
- SUNDÉN, J. *Material Virtualities: Approaching Online Textual Embodiment*. New York: Peter Lang, 2003.
- WOLAK, J.; MITCHELL, K. J.; FINKELHOR, D. *Online victimization of youth: Five years later*. University of New Hampshire: National Center for Missing and Exploited Children. Durham, New Hampshire, 2006.
- ZIEHE, T. From living standard to life style. *Young: Nordic Journal of Youth Research*, v. 2, n. 2, p. 2-16, 1994.